

## **Tradição em movimento: o Boi de Matraca de Panaquatira como instrumento de resistência e educação comunitária**

*Anne Beatriz Souza Cascaes<sup>1</sup>*

*José Ferreira Júnior<sup>2</sup>*

**Submetido em: 26/12/2025**

**Aceito em: 19/04/2026**

### RESUMO

Este artigo analisa o Boi de Matraca de Panaquatira, localizado em São José de Ribamar (MA), como uma manifestação de cultura popular que ultrapassa o caráter festivo do ciclo junino e se consolida como prática de resistência cultural, folkcomunicação e educação comunitária. A partir de referenciais, o estudo discute como o grupo articula tradição, memória coletiva e ações pedagógicas contínuas na comunidade em que está inserido. A pesquisa aborda a trajetória histórica do boi, sua organização comunitária e o desenvolvimento de projetos sociais e educativos que fortalecem vínculos sociais, promovem pertencimento e ampliam capacidades individuais e coletivas. Além disso, analisa-se a presença do Boi de Matraca de Panaquatira na mídia maranhense e busca compreender os recortes feitos para essa inserção. Concluiu-se que o Boi de Matraca de Panaquatira constitui uma experiência de tradição em movimento, na qual a cultura popular atua como instrumento de formação identitária, educação comunitária e desenvolvimento social, reafirmando o Bumba meu Boi como prática viva e transformadora no contexto contemporâneo maranhense.

### PALAVRAS-CHAVE

Bumba meu Boi; Folkcomunicação; Cultura popular; Educação comunitária; Maranhão.

---

<sup>1</sup> Jornalista graduada pela Universidade Ceuma, no Maranhão. É estudante de pós-graduação em Cultura e Sociedade na Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Desenvolve pesquisas nas áreas de cultura popular, comunicação comunitária e também acessibilidade comunicacional.

<sup>2</sup> Graduação em Comunicação Social, habilitação Jornalismo, pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA), concluída em 1989. Mestrado em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e Doutorado em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), concluído em 2000. Atualmente é Professor Titular da Graduação em Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade (PGCult) da Universidade Federal do Maranhão.

## **Tradition in Motion: the Boi de Matraca of Panaquatira as an Instrument of Resistance and Community Education**

### ABSTRACT

This article analyzes the Boi de Matraca de Panaquatira, located in São José de Ribamar, Maranhão, as a manifestation of popular culture that goes beyond the festive character of the June cycle and is consolidated as a practice of cultural resistance, folk communication, and community education. Based on theoretical frameworks, the study discusses how the group articulates tradition, collective memory, and continuous pedagogical actions within the community in which it operates. The research addresses the historical trajectory of the group, its community organization, and the development of social and educational projects that strengthen social bonds, promote a sense of belonging, and expand individual and collective capacities. In addition, the article analyzes the presence of the Boi de Matraca de Panaquatira in the media of Maranhão and seeks to understand the framing adopted for this visibility. It was concluded that the Boi de Matraca de Panaquatira constitutes an experience of tradition in motion, in which popular culture acts as an instrument of identity formation, community education, and social development, reaffirming Bumba meu Boi as a living and transformative practice in the contemporary context of Maranhão.

### KEY-WORDS

Bumba meu Boi; Folk Communication; Popular Culture; Community Education; Maranhão.

## **Tradición en movimiento: el Boi de Matraca de Panaquatira como instrumento de resistencia y educación comunitaria**

### RESUMEN

Este artículo analiza el Boi de Matraca de Panaquatira, ubicado en São José de Ribamar, Maranhão, como una manifestación de la cultura popular que trasciende el carácter festivo del ciclo junino y se consolida como una práctica de resistencia cultural, folkcomunicación y educación comunitaria. A partir de aportes teóricos de la folkcomunicación, la comunicación popular y la educación comunitaria, el estudio examina cómo el grupo articula tradición, memoria colectiva y acciones educativas continuas en el territorio donde actúa. La investigación aborda la trayectoria histórica del grupo, su organización comunitaria y el desarrollo de proyectos sociales y educativos que fortalecen los vínculos sociales, promueven el sentido de pertenencia y amplían las capacidades individuales y colectivas. Asimismo, se analiza la

presencia del Boi de Matraca de Panaquatira en los medios de comunicación de Maranhão, identificando una cobertura predominantemente estacional, concentrada en el período de las fiestas juninas, que tiende a invisibilizar sus dimensiones sociales y educativas a lo largo del año. Se concluye que el Boi de Matraca de Panaquatira constituye una tradición en movimiento, en la cual la cultura popular actúa como instrumento de formación identitaria, educación comunitaria y desarrollo social, reafirmando el Bumba meu Boi como una práctica cultural viva y transformadora en el contexto contemporáneo de Maranhão. Se concluyó que el Boi de Matraca de Panaquatira constituye una experiencia de tradición en movimiento, en la cual la cultura popular actúa como un instrumento de formación identitaria, educación comunitaria y desarrollo social, reafirmando el Bumba meu Boi como una práctica viva y transformadora en el contexto contemporáneo de Maranhão.

## PALABRAS-CLAVE

Bumba meu Boi; Folkcomunicación; Cultura popular; Educación comunitaria; Maranhão.

## Introdução

Desde 2011, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional no Brasil, o Iphan, reconhece o Bumba meu Boi como patrimônio cultural brasileiro. Mas no Maranhão, lugar onde se concentram centenas de grupos fiéis a esta manifestação, o Bumba meu Boi já era reconhecido muito antes pelos seus brincantes e amantes que, de crianças a idosos, enxergavam e enxergam pertencimento nesta tradição. De acordo com o dossiê de registro do Bumba meu Boi, elaborado em 2011 pelo Iphan, não há confirmação de uma data exata que teria dado origem ao bumba meu boi. Entretanto, já no século XX buscava-se evidenciar as discussões acerca de quais seriam suas raízes, suas influências culturais e a diversidade que o torna um dos símbolos mais representativos da cultura popular maranhense.

O Bumba meu Boi, mais do que uma simples brincadeira, é uma expressão de resistência, fé e identidade coletiva. Ao unir música, dança, teatro e religiosidade, o boi sintetiza a complexidade do povo maranhense, resultado do encontro entre as matrizes africanas, indígenas e europeias. Cada um dos cinco sotaques que compõem a identidade do Bumba meu boi (matraca, zabumba, orquestra, baixada e costa de mão) carregam em si uma forma própria de sentir e viver a tradição, refletindo as realidades culturais e sociais das comunidades que a mantêm viva.

Localizar no tempo a gênese das manifestações culturais ligadas às brincadeiras que têm o boi como centro gravitacional no Brasil não é tarefa fácil. Muitos autores se lançaram nessa tão complexa aventura sem que se tenha chegado a

um consenso sobre a origem, o período e os atores responsáveis pela chegada das festas do boi em terras brasileiras. Detiveram-se sobre o assunto folcloristas, etnólogos e antropólogos como Celso de Magalhães, Silvio Romero, Nina Rodrigues, Mário de Andrade, Renato Almeida, Câmara Cascudo, Arthur Ramos, Edison Carneiro e Amadeu Amaral. (IPHAN, 2011, p. 15)

Nesse contexto plural, o Boi de Matraca de Panaquatira se destaca como uma dessas expressões que transformam a tradição em força viva e comunitária, uma vez que o grupo está inserido em circuitos tradicionais de grande relevância no calendário cultural maranhense, como o Festejo de São Marçal. Realizado no dia 30 de junho, no bairro do João Paulo, em São Luís, o festejo constitui-se como um dos principais momentos de encontro dos grupos pertencentes ao sotaque de matraca, reunindo dezenas de bois em cortejo ao longo da Avenida São Marçal, consolidando-se como espaço de visibilidade, legitimação e resistência dessa expressão cultural (Ferreira Júnior; Veloso; Maia, 2022). Nesse sentido, a participação de grupos como o Boi de Panaquatira nesse contexto reafirma sua relevância enquanto objeto de estudo, já que se faz presente e atuante em uma rede ampla de manifestações que articulam tradição, identidade e comunicação popular no Maranhão.

**Figura 1 - Participação do Boi de Matraca de Panaquatira do festejo de São Marçal**



**Foto:** Paulo Soares

Localizado em São José de Ribamar, região metropolitana na capital maranhense, o grupo surgiu em 9 de setembro de 1996, em uma parte importante da trajetória de vida de um maranhense chamado José Antônio e mais conhecido como 'Zé Manel'. Natural do município de Santo Amaro, em 1993 ele saiu de sua cidade em busca de melhores condições de vida para sua família.

A mudança abriu caminho para que Zé Manel, antes de ir para Panaquatira, onde já possuía parentes, chegasse em São Luís e encontrasse, no universo das festas juninas da capital maranhense, uma inspiração. Ao andar por São Luís e assistir ao Festejo de São João, a grandiosidade das matracas, o ritmo cadenciado dos pandeirões, a poesia das toadas e a beleza das índias e caboclos despertaram nele uma profunda identificação. Aquele encontro entre o homem e a manifestação cultural não se limitou à admiração; transformou-se em desejo. Surgiu dali o impulso para a criação de um Boi. Porém, não em São Luís, mas já na comunidade de Panaquatira.

Em 1996, com a ajuda de amigos, parentes e vizinhos, seu Zé Manel finalmente concretizou o sonho e fundou o Boi de Matraca de Panaquatira. Infelizmente, o sonho durou pouco para ele, pois veio a falecer no ano seguinte. Entre seus dez filhos, deixou o legado para sua filha Rosete, que, sem medir esforços, manteve firme a missão confiada. Mesmo quando não esteve na presidência, ela sempre ajudou, ajuda e continuará ajudando essa agremiação.<sup>3</sup>

Atualmente, 29 anos após a fundação do grupo, o Boi de Matraca de Panaquatira adotou outros caminhos para seguir além do tradicional circuito junino celebrado pelos demais grupos. Presidido pela neta do fundador do Boi, Natalia Oliveira, o grupo decidiu promover ações de educação comunitária destinadas à população de Panaquatira, que contribuem diretamente para o desenvolvimento social dos moradores do local.

Para Roberto Benjamin (2000), as práticas populares, ao mobilizarem elementos do cotidiano e da memória coletiva, operam como mecanismos de transmissão de conhecimento e fortalecimento de laços sociais. Dessa forma, o Boi de Matraca de Panaquatira, ao dispor de elementos que fomentam o ensino coletivo, memória afetiva e a vivência cultural, pode ser compreendido como um espaço de folkcomunicação, em que o saber tradicional é

---

<sup>3</sup> Entrevista concedida por *Natalia Oliveira*, presidente do Boi de Matraca de Panaquatira, à autora, realizada em 28/11/2025 em Panaquatira, São José de Ribamar – MA

continuamente atualizado e articulado com outras áreas sociais fundamentais para o desenvolvimento da comunidade.

Segundo Luiz Beltrão (1967), a folkcomunicação corresponde aos processos comunicacionais produzidos e compartilhados por grupos populares, utilizando práticas, símbolos e meios vinculados ao universo do folclore e da cultura tradicional para expressar ideias, valores e modos de vida.

A partir deste conceito, os integrantes do Boi de Panaquatira localizam-se em uma dimensão do Bumba meu Boi que ultrapassa o período junino e se estende ao longo de todo o ano com suas atividades comunitárias, consolidando-se como um espaço de encontro, pertencimento e formação identitária. Sua atuação, enraizada nas práticas locais, reforça, ainda, a noção de que o boi é mais do que uma herança do passado, é uma linguagem em constante movimento.

A vivência dentro do grupo revela como a cultura popular pode ser compreendida como um instrumento pedagógico. Os saberes transmitidos oralmente, o aprendizado coletivo das toadas, a confecção das indumentárias, roupas usadas pelos brincantes do Bumba meu Boi, e o envolvimento com as celebrações criam uma rede de ensino que vai além das escolas formais. É neste cenário de diálogo entre tradição e contemporaneidade que o grupo aplica o seu papel educativo, possibilitando às novas gerações o acesso a valores como solidariedade, respeito às raízes e orgulho cultural.

O espaço físico onde as atividades do grupo estão concentradas, em Panaquatira, passou a abrigar aulas de capoeira, cursos de artesanato e encontros da juventude da igreja, além do envolvimento no repasse de saberes tradicionais vinculados à história do Bumba meu Boi e ao sotaque de matraca. Essas atividades ampliaram o significado da associação, como o grupo se denomina, para além das apresentações. Como enfatiza Peruzzo (2009), a comunicação popular e comunitária é também um processo educativo, capaz de gerar consciência crítica e fortalecer o protagonismo das comunidades locais.

Crianças, jovens e adultos que circulam pelo espaço compartilham saberes que incluem valores coletivos fundamentais para a vida comunitária. A atuação da associação se intensificou a partir da participação em editais que possibilitaram, além de toda a estrutura necessárias para as atividades pedagógicas, melhorias estruturais para o bairro. O Projeto Rua Digna,

encabeçado pelo grupo, garantiu o bloqueteamento<sup>4</sup> de vias fundamentais para o trânsito e a qualidade de vida da comunidade.

Diante de ações como essa, compreender como o Boi de Matraca de Panaquatira insere-se na cultura popular e como ele atua dentro do princípio da folkcomunicação é também compreender formas de resistência cultural no Maranhão, tendo em vista que o grupo busca refletir a mensagem de que o Bumba meu Boi não pertence apenas à memória, mas à vida cotidiana das comunidades que o recriam a cada ação.

Segundo Beltrão (1980), a folkcomunicação também corresponde aos meios e agentes pelos quais o povo comunica seus valores, crenças e experiências, em diálogo e, muitas vezes, em tensão com os meios hegemônicos de comunicação. Mais à frente, José Marques de Melo (2008) amplia essa compreensão ao situar a folkcomunicação como um sistema simbólico de mediação cultural, em que a criatividade popular atua como força de resistência diante da homogeneização midiática e da globalização. Nessa perspectiva, manifestações como o Bumba Meu Boi expressam formas autônomas de produção de sentido, nas quais a oralidade, a música, a dança e o ritual constituem instrumentos de formação identitária e de educação comunitária.

Entretanto, apesar de todo o seu significado para a cultura maranhense e, principalmente, para a comunidade de origem do Boi de Panaquatira, nota-se que a presença e valorização do grupo na mídia maranhense ocorre, majoritariamente, de forma sazonal, concentrando-se no período junino, quando a manifestação passa a integrar a agenda de cobertura cultural dos veículos locais.

Neste contexto, o Boi de Matraca de Panaquatira costuma figurar nos meios de comunicação (Televisão, rádio e portais de notícias online) associado à programação oficial do São João, às apresentações em arraiais e à promoção turística do estado. Contudo, a visibilidade revela-se um fator importante para o contexto do grupo, uma vez que pode não só elevar o conhecimento da população maranhense a respeito da história do Bumba Meu Boi, como também corroborar com a ampliação dos seus braços sociais e comunitários.

---

<sup>4</sup> O termo *bloqueteamento* refere-se ao processo de pavimentação de vias utilizando bloquetes de concreto, pequenas peças modulares que, ao serem assentadas sobre base preparada, formam um piso resistente, durável e adequado para melhorar a circulação e as condições de mobilidade em áreas urbanas.

## Procedimentos metodológicos

Analisaremos, portanto, de que forma o Boi de Matraca de Panaquatira se consolida como prática de resistência cultural e como experiência de educação comunitária, identificando as estratégias que sustentam o envolvimento contínuo da comunidade e que permitem a permanência da manifestação para além do ciclo junino e, além disso, como tem sido feita a divulgação desta manifestação cultural na mídia maranhense, entendendo se ocorre um recorte temporal específico ou não, e ainda se as múltiplas dimensões sociais, educativas e comunitárias do Boi de Panaquatira são exploradas no ambiente midiático.

Neste trabalho, também busca-se compreender como os saberes compartilhados entre o próprio grupo e a comunidade onde ele atua contribuem para a formação identitária, o fortalecimento da memória coletiva e a valorização da cultura popular no contexto contemporâneo maranhense.

Para tal, este estudo adota uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, articulando revisão sistemática de literatura e análise de conteúdo de materiais jornalísticos sobre o Boi de Matraca de Panaquatira. Parte-se do pressuposto de que a mídia não apenas difunde informações, mas também atua como instância de mediação simbólica, contribuindo para a construção de visibilidades e enquadramentos das manifestações culturais populares.

A revisão sistemática foi conduzida com o objetivo de mapear produções acadêmicas e reflexões teóricas acerca da folkcomunicação, da cultura popular e de sua relação com o jornalismo, permitindo a construção de um referencial analítico capaz de sustentar a leitura crítica dos conteúdos midiáticos. Esse procedimento possibilita identificar recorrências, abordagens e lacunas no tratamento das manifestações culturais no campo comunicacional.

Para a composição do corpus empírico, foram selecionados três portais de notícia de relevância no cenário midiático maranhense: Imirante.com, G1 Maranhão e Difusora News. A escolha desses veículos se justifica por seu alcance regional, frequência de atualização e papel na circulação de conteúdos jornalísticos sobre cultura popular, configurando-se como espaços privilegiados de observação das dinâmicas de visibilidade do Bumba meu Boi.

Como critérios de seleção, foram consideradas matérias jornalísticas que mencionassem diretamente o Boi de Matraca de Panaquatira, bem como conteúdos relacionados ao Bumba

meu Boi no Maranhão nos quais o grupo estivesse inserido ou pudesse ser analisado em termos de representação e visibilidade. O recorte temporal sobre o qual a pesquisa nos portais selecionados se debruçou compreende o período de maio a setembro de 2025, considerando que, embora o ciclo junino tenha seu ápice no mês de junho, às atividades dos grupos culturais se iniciam ainda em maio, com ensaios e preparações, as apresentações se estendem até julho e rituais como a 'morte do boi', para simbolizar o fim do ciclo junino, acontecem a partir do mês de julho.

A análise dos dados foi realizada a partir da técnica de análise de conteúdo, conforme sistematizada por Laurence Bardin, compreendida como um conjunto de procedimentos metodológicos que permite a interpretação sistemática e objetiva das mensagens. Nesse sentido, foram observados aspectos como frequência de menções, enquadramentos narrativos, contextos de inserção (festivo, institucional ou comunitário) e a presença de abordagens que contemplem dimensões educativas, sociais e culturais do grupo para além do período junino.

Dessa forma, o percurso metodológico adotado possibilita compreender não apenas a presença do Boi de Matraca de Panaquatira na mídia, mas também os sentidos atribuídos a essa manifestação no discurso jornalístico, evidenciando tanto seus processos de visibilidade quanto suas possíveis limitações no âmbito da representação midiática.

## **A construção histórica do Boi de Matraca de Panaquatira**

A história do Boi de Matraca remonta às trajetórias individuais e coletivas que, ao longo do tempo, configuraram a identidade cultural do povoado de Panaquatira, em São José de Ribamar. Trata-se de uma narrativa que nasce da migração e se transforma em enraizamento, evidenciando como a cultura popular se molda às vivências de quem a carrega. A fundação do grupo está diretamente relacionada à trajetória de vida de José Antônio, como já mencionado anteriormente.

O gesto de fundação carregava mais do que a vontade de criar uma brincadeira junina: representava a intenção de construir pertencimento, produzir sentido para um novo território e oferecer à comunidade um espaço de celebração, convivência e identidade. A criação do boi pode ser vista, portanto, como uma estratégia afetiva de sobrevivência, pois permitiu a Zé Manel reconstruir laços e raízes em um novo lugar.

Após o fundador falecer no ano seguinte à criação do boi, foi deixada para os seus dez filhos a responsabilidade de manter viva a manifestação cultural. Coube a Rosete, uma de suas filhas, dar continuidade ao legado. Mesmo quando não ocupou a presidência da associação, ela permaneceu atuante, garantindo a preservação do sonho iniciado pelo pai. Essa dedicação evidencia um traço importante da cultura popular maranhense: a transmissão geracional. O Boi de Matraca de Panaquatira se fortalece justamente porque sua história é construída por laços familiares que se estendem para além da consanguinidade e se integram à comunidade.

Alguns iniciam um grupo de Boi devido a um compromisso assumido por um parente ou por motivo de doença; outros devido a partos complicados ou problemas financeiros, dentre outros motivos. São os chamados “Bois de Promessa” oferecidos a São João. (IPHAN, 2011, p. 88)

A atual presidente do Boi afirma que o grupo consolidou sua identidade dentro do sotaque da ilha, com um batalhão pesado que se destaca pela força rítmica das matracas, pelo pandeirão, pelo tambor-onça e pelas vozes que evocam as brisas do mar nas toadas. A presença do cantador Egídio, que carrega em sua trajetória a experiência de cantar ao lado de nomes históricos como Mestre João Chiador<sup>5</sup>, reforça a conexão do boi de Panaquatira com uma linhagem de mestres que ajudaram a moldar o sotaque maranhense. A estética da brincadeira, marcada pela leveza das índias, pelo brilho dos rajados e pela imponência dos caboclos de pena, encontra nas toadas um espaço de memória e poesia.

Essa preservação da memória e construção de identidade é reafirmada por Carvalho (2022), quando destaca que expressões de cultura popular funcionam como dispositivos de memória, nos quais grupos reafirmam suas identidades e territorialidades simbólicas. Da mesma maneira, ao desenvolverem-se em um espaço repleto de símbolos que a todo tempo reforçam a vivência e os significados da cultura popular, a comunidade acaba por absorver não só o conhecimento tradicional, mas também aprende a relacioná-lo com os mais diversos âmbitos presentes na sociedade.

O grupo de Panaquatira participa oficialmente do circuito junino de São João promovido pelo Governo do Maranhão desde 1999. Sua presença nas festividades, de acordo com Natalia Oliveira, garante visibilidade à cultura produzida em Panaquatira. Com o passar do tempo, o

---

<sup>5</sup> João Chiador (1943–2013) foi um dos mais importantes cantadores do Bumba meu Boi do Maranhão, especialmente reconhecido no sotaque de matraca.

grupo então passou a dedicar-se não mais somente às apresentações organizadas para o período junino que contempla, principalmente, o mês de junho.

O batalhão participa do São João do Governo do Estado desde 1999, sem nunca ter ficado de fora da grade oficial do Governo do Maranhão. Com o tempo, percebemos que o boi, que nasceu como um sonho voltado apenas para o período junino, tinha um propósito muito maior.<sup>6</sup>

Desde então, o Boi de Panaquatira ficou marcado na comunidade como uma associação que promove atividades que vão além do São João. Aulas de capoeira, futebol, Muai Thay e informática, por exemplo, foram incorporadas na rotina das crianças e adolescentes que cresciam ao redor do coração do grupo. E ao mesmo tempo que elas cultivam o aprendizado que práticas de capacitação que podem apresentar-lhes a uma profissão futura, conseguem também compreender a importância da permanência do grupo de cultura popular que as desenvolve, mais uma vez formando a memória que reconhece a manifestação cultural como parte viva e fundamental de uma comunidade.

---

<sup>6</sup> Entrevista concedida por *Natalia Oliveira*, presidente do Boi de Matraca de Panaquatira, à autora, realizada em 28/11/2025 em Panaquatira, São José de Ribamar – MA.

**Figura 2 - Aulas de informática oferecidas pelo grupo do Boi de Matraca de Panaquatira às crianças e adolescentes da comunidade**



**Foto:** Natália Oliveira

A construção histórica do Boi de Matraca de Panaquatira, portanto, não se restringe à manutenção de tradições. Ao longo dos anos, todas as suas novas dimensões, transformaram-no em um agente de articulação social e comunitária. Seu percurso evidencia que, quando a cultura popular encontra um solo fértil, ela se expande, se recria e se fortalece. Assim, o boi que nasceu do sonho de um homem migrante se tornou patrimônio afetivo de um povoado inteiro e passou a integrar um movimento maior de resistência, pertencimento e educação comunitária.

Para o antropólogo Marshall Sahlins (1987), as tradições não são elementos fixos do passado, mas sistemas culturais continuamente reinterpretados pelas comunidades para dar sentido ao presente. Ao analisar sociedades que enfrentam processos de contato, mudança e modernização, o autor demonstra que a manutenção das tradições depende da capacidade dos grupos de reinvestirem significados nas práticas herdadas, tal como atuam os integrantes do Boi de Panaquatira, tendo como objetivo principal fazer com que estas ações desempenhadas atualizem rituais, narrativas e símbolos conforme suas necessidades históricas. Assim, para

Sahlins, a tradição persiste justamente porque é dinâmica: um modo de ordenar experiências e reafirmar identidades, assegurando a continuidade cultural mesmo em contextos de transformação.

Ao implementar aspectos históricos e tradicionais do Boi de Panaquatira à vivência das crianças e adolescentes da comunidade, então, o grupo mantém o dinamismo dos símbolos que atravessam o grupo desde a sua criação para garantir sua continuidade ao passar dos anos, mantendo dois pilares simultâneos: a) a presença do Boi de Panaquatira como grupo que há décadas participa do circuito festivo oficial de São João, permanecendo como parte do movimento que dá visibilidade aos grupos de Bumba meu Boi, integra a agenda de apresentações e, anualmente, prepara um novo espetáculo acompanhado de uma temática e de novas indumentárias usadas por seus brincantes; b) um agente de educação comunitária contínua que promove formações dentro de sua comunidade, garantindo que as novas gerações tenham meios de permanência em Panaquatira para dar seguimento às ações educativas do grupo e não necessitem, assim como precisou fazer o fundador do boi, sair de seus lares e adentrarem uma nova comunidade para garantir melhores condições de vida, uma vez que a atuação da manifestação cultural tem impactado no desenvolvimento social e estrutural da região de Panaquatira.

Esse movimento observado nas ações do grupo de bumba meu boi pode ser descrito a partir do conceito de “Empoderamento Social”, defendido por Amartya Sen (1999), como a implementação de práticas culturais que ampliam capacidades humanas, fortalecem redes sociais e promovem participação cidadã, considerado por ele como um grupo de elementos essenciais para o desenvolvimento.

De acordo com Sen (1999), o desenvolvimento social não pode ser reduzido apenas a indicadores econômicos ou ao simples crescimento material pois ele depende da ampliação das liberdades e capacidades das pessoas para atuarem plenamente em suas comunidades, fator desempenhado pelo boi da região de Panaquatira.

Ainda nesse sentido, manifestações culturais como essa desempenham um papel decisivo, uma vez que contribuem para fortalecer vínculos sociais, ampliar oportunidades de participação e promover formas de expressão que elevam a autoestima coletiva. Para Sen, a cultura é um componente essencial das “capacidades” humanas, já que oferece às pessoas meios para interpretar o mundo, construir identidades e gerar pertencimento.

Por isso, podemos dizer que práticas culturais não apenas refletem a vida social, mas também são utilizadas para impulsionar o desenvolvimento a partir da criação de condições para cooperação, inclusão e o protagonismo comunitário.

## **O Boi de Matraca como prática de educação comunitária**

A segunda dimensão adotada durante a trajetória do Boi de Matraca de Panaquatira, ou seja, a prática da educação comunitária, revela uma característica fundamental da cultura popular maranhense: a capacidade de ir além do espetáculo para tornar-se instrumento de transformação social. Ao não se limitar ao ciclo festivo do São João, o Boi assume um papel contínuo de fortalecimento comunitário, alinhado a práticas educativas que extrapolam as fronteiras do artístico. A própria história da associação demonstra que, desde cedo, o espaço físico e simbólico do boi assumiu funções sociais essenciais. Mas, de que forma isso se dá?

Segundo Paulo Freire (1987), a educação comunitária só se torna verdadeiramente transformadora quando parte das práticas culturais e dos saberes produzidos pelos próprios grupos sociais. Ele defende que manifestações culturais como rituais, festas, narrativas orais, músicas e tradições são formas legítimas de conhecimento, capazes de gerar consciência crítica, reforçar identidades e fortalecer a participação social. Ao valorizar essas práticas ao longo do processo educativo, a comunidade se reconhece como sujeito de sua própria história, ampliando autonomia, diálogo e pertencimento. Por conta disso, para Freire, a cultura não é apenas contexto, mas fundamento da educação popular e motor de transformação social.

A iniciativa do boi de Panaquatira em abarcar outras manifestações, oferecendo apoio e gerindo os projetos, demonstra um compromisso solidário que ultrapassa o âmbito local. Essa postura reforça que o Boi de Matraca atua como educador comunitário porque promove valores como cooperação, empatia e partilha. A cultura popular, neste contexto, não é apenas preservada; ela se torna vetor de cidadania.

Um outro ponto mais simbólico dessa trajetória é o recente Projeto Íris dos Olhos, contemplado pelo Criança Esperança<sup>7</sup> e responsável por ampliar a dimensão educativa que estava se formando por meio da associação. Com atendimento a 150 crianças e adolescentes,

---

<sup>7</sup> O Criança Esperança é um programa social promovido pela Rede Globo em parceria com a UNESCO desde 1986, destinado a financiar projetos que desenvolvem ações voltadas para educação, cultura, inclusão social e fortalecimento comunitário em diversas regiões do Brasil.

o projeto oferece atividades que integram cultura, esporte, formação humana e inclusão social. São elas: Muay Thai, capoeira, informática, língua espanhola básica, futebol e a oficina Paus e Cordas. Essas atividades compõem um conjunto pedagógico que dialoga diretamente com as necessidades e interesses da comunidade.

O Íris dos Olhos representa uma mudança de escala na atuação da associação. Se antes o boi já funcionava como espaço formativo, agora ele se apresenta como um programa estruturado de educação integral, capaz de transformar perspectivas de vida. A formação que ali acontece é baseada na experiência concreta, no vínculo comunitário e na vivência da cultura como ferramenta de emancipação. Assim, o Boi de Matraca se consolida como tradição em movimento: preserva sua origem, mas caminha ao encontro das demandas contemporâneas.

O projeto consiste na promoção de oficinas, ensaios e apresentações envolvendo os jovens beneficiados pela iniciativa. O nome “Íris dos Olhos” foi escolhido como forma de fazer menção ao processo de confecção tradicional dos olhos do boi, símbolo principal da manifestação. As atividades que são realizadas recebem participantes em horários opostos aos turnos em que cada integrante estuda, fomentando a educação tradicional e funcionando como aliada na ampliação de saberes e inclusão de atividades que estão dentro do contexto cultural em que as crianças e jovens de Panaquatira estão inseridos.

A implementação de todas estas características faz com que o projeto desenvolvido tenha grande aceitação e participação da comunidade, e ainda colabore para que os participantes tenham oportunidades de contato com diferentes expressões de arte, indo além das toadas de boi, mas sem praticar a exclusão de sua influência no desenvolvimento social e pessoal.

## **O fortalecimento da cultura popular para além do ciclo junino**

Ao longo de seus 29 anos, o Boi de Matraca de Panaquatira se tornou uma expressão que ultrapassa as fronteiras temporais do São João. Embora nascido como brincadeira voltada para o ciclo junino, sua trajetória demonstra que a cultura popular se fortalece quando encontra meios de se manter ativa durante todo o ano, respondendo às necessidades sociais e culturais da comunidade. O ciclo junino é, sem dúvida, o momento de maior visibilidade para o boi, mas ao longo de todo ano, o grupo possui ações com a necessidade de ser divulgadas, entendendo que o verdadeiro fortalecimento da cultura popular ocorre quando a manifestação se enraíza

na vida cotidiana da comunidade, tornando-se parte de sua rotina, de seu imaginário e de seus projetos de futuro.

A associação compreendeu tão logo que a continuidade da brincadeira dependia de um vínculo permanente com a população de Panaquatira. Isso exigiu ampliar sua função social, abrir o espaço para outras práticas culturais e educativas e assumir um papel ativo no desenvolvimento comunitário. Dessa forma, o boi passou a constituir um ponto de referência, um lugar onde as pessoas se encontram, aprendem, convivem e constroem redes de solidariedade.

Em meio a todas estas ações comunitárias, a cultura popular passa a ser percebida como ferramenta de transformação, capaz de gerar pertencimento, fortalecer vínculos e abrir caminhos para oportunidades educativas e culturais.

### **O Boi de Matraca de Panaquatira e sua presença (ou ausência) na mídia**

A análise das fontes midiáticas sobre o Boi de Matraca de Panaquatira mostra uma presença concentrada nos meses de junho e julho, coincidindo com o período das festividades de São João. A partir de uma pesquisa realizada em plataformas de notícias e portais de comunicação do Maranhão, foi possível identificar que as menções ao grupo se restringem quase que exclusivamente ao mês de junho, quando ocorrem as principais apresentações culturais e eventos relacionados ao Bumba meu Boi, estendendo-se também ao mês de julho, quando também ocorre a continuidade destas festividades. Esse padrão observado, sugere que a mídia local, tradicionalmente, alinha sua cobertura da manifestação ao período junino, contribuindo para a construção da imagem do Boi de Matraca como uma manifestação cultural restrita ao contexto de celebrações populares sazonais.

Além disso, as notícias encontradas costumam se concentrar em aspectos como a grandiosidade das apresentações, figurinos coloridos, as danças, músicas e as diversas expressões artísticas associadas ao Bumba meu Boi. Contudo, raramente são abordadas as dimensões sociais e educativas que caracterizam a atuação do Boi de Matraca ao longo do ano, como as atividades comunitárias, os projetos de formação e as ações voltadas ao fortalecimento da identidade cultural local. O foco midiático, portanto, alcança apenas uma representação

superficial do Boi, sem refletir a complexidade da manifestação como um espaço de resistência cultural e de aprendizado contínuo para a comunidade.

Beltrão, porém, critica a superficialização da mídia em relação aos elementos da cultura popular quando afirma que “a folkcomunicação não se limita aos processos comunicacionais próprios das culturas populares, mas também se coloca em constante tensão com os meios hegemônicos, que, ao mediar a cultura popular, tendem a distorcê-la e a reduzi-la aos moldes do espetáculo.” (Beltrão, 1980, p. 19).

Portanto, a análise realizada indica que a mídia local se refere ao Boi de Matraca de Panaquatira de forma segmentada e limitada, citando sua importância apenas dentro de um contexto temporal específico e restrito ao calendário festivo de São João. Esse padrão de cobertura reforça a manifestação cultural como apenas mais uma atração turística do estado do Maranhão, desconsiderando as múltiplas dimensões sociais e culturais que o Boi representa para a comunidade.

## Considerações finais

A trajetória do Boi de Matraca de Panaquatira demonstra que as manifestações culturais, quando enraizadas no cotidiano comunitário, ultrapassam o papel simbólico e festivo e se tornam agentes de transformação social. Ao longo de toda a sua trajetória, o grupo constituiu-se não apenas como brincadeira junina, mas como espaço de memória, de formação identitária e de educação comunitária contínua, articulando tradição e contemporaneidade. A presença constante do boi na vida de crianças, jovens e adultos revela a força da cultura popular como prática viva, capaz de produzir conhecimento, fortalecer vínculos e promover pertencimento.

Nesse sentido, o Boi de Panaquatira se configura como um território de folkcomunicação, nos termos de Luiz Beltrão, ao transmitir saberes tradicionais, atualizar narrativas e criar canais próprios de produção de sentido dentro da comunidade. Ao mesmo tempo, confirma a compreensão de Sahlins de que as tradições persistem porque são recriadas dinamicamente, incorporando novos significados conforme as necessidades sociais e históricas do grupo. A atuação da associação demonstra que tradição e inovação não se opõem: caminham juntas na manutenção da memória coletiva e na construção de um futuro possível.

A dimensão educativa do boi reforça, ainda, a centralidade da cultura nos processos formativos. As práticas promovidas pela associação, seja por meio de oficinas, cursos, projetos sociais ou pelo envolvimento direto nas atividades do boi, produzem autonomia, consciência crítica e protagonismo. Trata-se de uma educação que emerge do território, dialoga com a realidade local e transforma a própria comunidade em sujeito da aprendizagem.

Ao conectar cultura e desenvolvimento social, o Boi de Matraca de Panaquatira também materializa a expansão de capacidades humanas. Suas ações vão além do campo simbólico e alcançam melhorias estruturais, oportunidades de formação e fortalecimento das redes sociais do bairro. Assim, a cultura não apenas expressa identidades, mas abre caminhos concretos para que indivíduos e coletividades ampliem suas liberdades e possibilidades de vida.

Dessa forma, o Boi de Matraca de Panaquatira pode ser entendida como tradição em movimento: preserva os legados que o originaram, mas se reinventa continuamente para responder às demandas contemporâneas. Sua experiência mostra que a cultura popular, quando fortalecida por ações educativas e comunitárias, torna-se um forte instrumento de resistência, de inclusão e de construção de futuros mais dignos. Conclui-se que o Bumba meu Boi, no Maranhão, é mais do que uma manifestação festiva, podendo ser também um modo de existir, resistir, aprender e transformar realidades.

## Referências

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de idéias. Edipucrs, 2001.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**: a comunicação dos marginalizados. (No Title), 1980.

BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo opinativo**. Editora Sulina, 1980.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias. Brasília: Universidade de Brasília, 1967.

BENJAMIN, Roberto. **Folkcomunicação no contexto de massa**. Editora Universitária/UFPB, 2000.

CARVALHO, Bruna Franco Castelo Branco. As fronteiras entre o popular e o massivo na teoria cultural da folkcomunicação. **Ámbitos. Revista Internacional de Comunicación**, n. 58, p. 58-71, 2022.

FREIRE, Paulo. Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e terra, v. 1, 1987.

FERREIRA JUNIOR, José; VELOSO, Caroline Lima; MAIA, Viviane Franco. Festejo de São Marçal: mediações culturais e a legitimação do sotaque de matraca pelas mídias. **Revista Internacional de Folkcomunicação (RIF)**, Ponta Grossa, v. 20, n. 45, p. 55–69, jul./dez. 2022.

IPHAN. **Complexo Cultural do Bumba meu boi do Maranhão: dossiê do registro como Patrimônio Cultural do Brasil**. São Luís: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2011. Disponível em: [https://bcr.iphan.gov.br/wp-content/uploads/tainacan-items/65968/66595/Complexo-Cultural-do-Bumba-Meu-Boi-do-Maranhao\\_de\\_Dossie-Bumba-meu-Boi\\_.pdf](https://bcr.iphan.gov.br/wp-content/uploads/tainacan-items/65968/66595/Complexo-Cultural-do-Bumba-Meu-Boi-do-Maranhao_de_Dossie-Bumba-meu-Boi_.pdf)

MELO, José Marques de. **Mídia e cultura popular: história, taxionomia e metodologia da folkcomunicação**. São Paulo: Paulus, 2008.

SAHLINS, Marshall. **Ilhas de História**. Zahar, 1987.

SEN, Amartya. Development as freedom (1999). **The globalization and development reader: Perspectives on development and global change**, v. 525, 2014.